

ALAUKA

O EMBARAÇO E DELÍRIO CULPOSO



Título: ALAUKA: O EMBARAÇO E O DELÍRIO CULPOSO

Ano: 2021

Autor: Bajosse Baca

Revisão: Baca e amigos (A firma e os Safados)

Edição: Bajosse Baca

Imagem de capa: Bajosse Baca/Canva

E-mail: Bajomaria17@gmail.com

Www.Facebook.com/Bajosse Baca

Terminal: +244926170461

Bajosse Baca-©Todos Os Direitos Reservados.

Ficção:

Contos.

Texto:

Narrativo.

Ano de criação:

2021.

“A prática leva ao profissionalismo, mas não a perfeição, entretanto, um escritor iniciante ou amador pode vender igual um profissional, afinal, nenhum faz com perfeição. Pois, a perfeição é uma utopia. Apenas um fará com

maior qualidade e mestria, e este, é àquele que, maior dedicar-se”. (Bajosse Baca: 2020).

Sumário

| | |
|---------------------------|----|
| AGRADECIMENTO | 6 |
| ALAUKA: O EMBARAÇO | 11 |
| (1º Conto)..... | 11 |
| ALAUKA: O DELÍRIO CULPOSO | 24 |
| (2º Conto)..... | 24 |

AGRADECIMENTO

Por ser o meu segundo livro relâmpago tive tempo de escrever um texto para agradecimentos. Pois, agradeço você, leitor, amigo, colega e irmão por ter baixado o E-book. Espero que tenha uma ótima experiência ao viajar no universo dos meus segundos escritos, e para escrevê-lo, precisei do auxílio das pessoas próximas, a essas, sempre serei grato.

Por isso, começo por agradecer a minha amável mãe, Mariana Pedro Nkabi, a chefia dos codinomes: minha

BAJOSSE BACA

Deusa humana. Igualmente agradeço a segunda chata-amável, a minha irmã, Úsia Pedro Baca, por ser a minha primeira leitora e crítica. Sem esquecer das minhas outras duas irmãs; moças adoráveis que muito admiro, Maria Manuel Baca (Meury/Mana Ia) e Arnata Pedro Baca Francisco.

Para fechar com chave de ouro aos agradecimentos direcionados as senhoras, agradeço de forma exagerada a adorável Baiana das covinhas cheia de charme, Mayara Santos Benicio, por ter sido uma das minhas principais incentivadoras a escrita.

BAJOSSE BACA

Ao abrir os agradecimentos para os meus gajos-bons, começo por agradecer os meus irmãos, Marcelo Manuel Baca e Sebastião Manuel Baca (Mbavo Ley), pelo vosso incondicional apoio.

No segundo plano não menos importantes, de igual modo supere especiais, agradeço os meus irmãos da Faculdade e maiores críticos também. José Sunda, Nosde de Carvalho, Gelson Gongga, Daniel Adriano Petterson e Filomeno Ferreira, por tê-los como influência, indiretamente muito contribuíram para o meu desenvolvimento na arte da escrita criativa. Também

BAJOSSE BACA

agradeço aos restantes dos colegas que em algum momento acreditaram na minha capacidade evolutiva para compor texto, textinhos e textões.

Por fim, agradeço aos meus comparsas da rotina diária, os meus irmãos de pais diferentes: Lemos Mizeraque Gouveia, Carlos Manuel Gerónimo, Davi Micol Marques, e Moisés Antônio, por serem os melhores amigos do mundo, obrigado por agregarem sentido ao meu doce viver. Há um novo elemento nesse grupo, o meu pupilo e amigo de escrita, El Salvador, o Romântico Imparável.

BAJOSSE BACA

De modo geral, agradeço a todos que lêem e curtem os meus escritos, a todos vocês, meu muito obrigado!

BAJOSSE BACA

ALAUKA: O EMBARAÇO

Página | 11

(1º Conto)

Ao abrir a porta da velha cabana, a mata se apresentara calma. Às primeiras horas do dia foram confusas, pois a tranquilidade da mata se perdera gradualmente. O som das águas correndo sobre o rio chegara invasiva nos meus ouvidos, de súbito, outro ruído, mas este, era desconhecido, julguei ser o som do grilo, depois, um piar sufocado. Não vi o grilo, mas o pássaro ferido procurava abrigo e veio espontaneamente na minha direção.

BAJOSSE BACA

Percebi logo que o barulho estranho era provavelmente de um caçador descuidado que atingiu o pássaro com umas das suas armas de caça.

Senti-me culpado e responsabilizei-me em cuidar do pássaro das asas feridas.

Coloquei sobre à terra sua refeição diária, cereais, e assim fi-lo o meu ouvinte.

— Gabriela! Este era o nome dela — Exclamei atenciosamente para o pássaro que me ouvia desatento enquanto farejava aveias espalhadas pelo chão.

BAJOSSE BACA

O pássaro parecia sorrir, embora os seus dentes não fossem visíveis, se é que tem? Mas ele sorria, e é fácil notar o sorriso de qualquer ser vivente por conta do seu fenótipo, quando o sorriso nos ataca o rosto e o corpo ficam flexíveis, entram em harmonia dançante, talvez até os insectos sorriem!

— Gabriela, e só? — O provável sorriso repetitivo do pássaro parecia colocar essa questão no ar, e para não desapontá-lo dei-lhe informações acrescidas.

— Eu tratava-a carinhosamente por minha dama; meu ‘mambo’, meu naco. Mas ela, preferia que eu a tratasse

BAJOSSE BACA

por Gab ou amada — Acresci e o sorriso do pássaro se perdera em concordância.

Eu e a Gab não nos acercamos efetivamente debaixo do mesmo teto, também não nos acorrentamos por lei; nem na presença de um santo padre, ou em qualquer ritual tradicional que comprovasse o nosso compromisso, mas, dormimos inúmeras vezes sobre a mesma cama, com isso, os nossos espíritos pertenciam um ao outro.

Após a brusca separação entre a alma e o corpo da Gabriela, os meus olhos ficaram aprisionados à Gab, dominados pela sua inexistência voltada nas suas

aparições. Nessas aparições ela comportava-se a margem das exigências da sua idade, parecia nova, não só por ser baixinha, sem iniciais rugas ou celulites, mas também porque nela era invisível a inteligência de uma ser vivente há mais de trinta cacimbos. Ela possuía um olhar sedutor rendilhado nos seus olhos castanhos; somente beleza externa, sem nenhum encanto intelectual. Entretanto, na ausência do carisma literato era o seu corpo asseado que me aprisionava todo. Por isso, irritava-me tê-la como dona das minhas aspirações amorosas.

BAJOSSE BACA

— Logo você, tão racional e culto! — Ajuizou o pássaro ouvinte sem mover o bico, mas percebi a ironia no seu olhar discreto. Pensei em afugentá-lo, porém, agradava-me à ideia de conta-lo mais a respeito da Gab.

— Pois é! Já ela, sem controlo dos seus anseios carnaís, não passava de uma mulher comum — Conclui de voz activa.

O pássaro ouvinte assustou-se, floresceu as asas já saradas e voou sobre os galhos das árvores que ofertavam o verde em contraste com o colorido do céu.

BAJOSSE BACA

A única companhia real deixou-me, o pássaro silenciou-se, fez-se mudo e surdo, igual à Gabriela, e novamente segui sozinho. Até o último verão, quando houve um dia em que me precipitei no provável desfalecer do dia. Das dezessete horas só restavam já poucos segundos, era eminente o morrer da tarde e o nascer da noite. Nesta circulação de tempo vi a Gabriela, vistosa, úmida amparada por uma brisa que me persuadia a volúpia. Ela balançava a sua bunda avantajada meio a chuva miúda que caía preguiçosamente, a paisagem era majestosa embora o clima fosse incompatível ao solo que habito.

À terra argilosa dificultava a transição do percurso de regresso a casa, mas o barro não impedia a Gabriela de acompanhar harmoniosamente os meus passos; corre-corre, anda-para. Tentei driblá-la, mas sem sucesso, no entanto, cheguei em casa entusiasmado, brotei a ilusão de voltar a vê-la nua, quis desvestir-me; saciar a contínua liberdade que a ideia do (nudez) da Gabriela impusera-me, porém, a travada fechadura da porta principal da casa privou-me de desfazer-me das vestes. Tão logo tentei concentrar-me e matar a ilusão no mesmo instante que arrisquei sustentá-la.

BAJOSSE BACA

Agitado, aventurei-me em abrir a porta às pressas, todavia, o nervosismo enganara o simples e, fê-lo complexo. Adiante, a satisfação distanciava-se ao passo que eu introduzia as chaves sucessivamente de modo falhado. Primeiro introduzi fielmente uma, a fechadura respondeu negativamente, (manteve-se trancada), em seguida a outra, novamente travada...

Voltei a olhar para Gabriela, a vi mostrando sensualmente o peito decotado no surtiam vermelho sorrindo descaradamente, ela estadeava os dentes, cor de neve escoltada pelas mordidelas no lábio.

— É um facto: a Gabriela gosta de provocar-me —
Afirmei.

Naquele instante desacelerei a introdução das chaves, consagrei aquele cenário, ao passo que crescia em mim o desejo de tê-la de novo, mas, vagorosamente atingi a lucidez e como em outras tantas vezes a reneguei novamente.

— Não, não, não posso, não posso! — Declarei para mim mesmo.

Revirei novamente e concentrei-me na sequência das chaves que introduzia, desembaralhei-me lentamente.

Parei de dar atenção aos jogos de sedução que Gabriela a inventara. Segui concentrado, na intenção de abrir a porta, depusitei todas as chaves no chão, em seguida, introduzi uma seguida da outra, e posteriormente descartei as já experimentadas.

Ao abrir a porta veio-me em mente a ideia de marcar uma consulta com algum profissional da sanidade espiritual, ao passo que, deseja também, simbolizar as chaves; colocar algum catalogo, principalmente, naquela penúltima que abrira a porta.

BAJOSSE BACA

Entrei, finalmente! No auge do entusiasmo deixei a Gabriela se mostrando para natureza. Apressadamente o meu ânimo se perdera no silêncio da casa, aí retomei a consciência absoluta outra vez.

— Oh! Gabriela! A tua versão humana morreu, esta sombra de ti até quando me perseguirá? Agora és somente pó, um espírito que habita nos corredores do meu querer. Gabriela, Gabriela, vá e não volte mais! — Exigi com autoridade e peito inchado.

Após impor a força da palavra, retrocedi para mim mesmo e confiei inabalavelmente que o pássaro ouvinte

BAJOSSE BACA

voltaria a piar, de pronto ouvi o seu piar vindo da janela meio embaçada que oferecia uma imagem confusa assim como as minhas percepções, depois vi o pássaro batendo com o bico vagorosamente à janela vidrada.

Posterior, o pássaro falara igual à Gabriela, a Gabriela transformara-se no pássaro e subitamente ambos evaporaram!

ALAUKA: O DELÍRIO CULPOSOⁱ

(2º Conto)

Alauka testemunhou o seu primeiro e único delírio culposo, quando o cinzento do inverno já expirara, somente o verde-flavo pouco presente no começo das épocas secas, expunha o charmoso final do verão, propagando assim, o início do Cacimbo. Neste cenário, frio, agradável, a meu ver. Alauka, marchava lentamente demonstrando ligeiro desinteresse em prosseguir, mas, vagorosamente aproximou-se do carro, estacionado já algum tempo perto da estrada principal do ponto final

(Ilha de Luanda). Alauka, wey mestiço, detentor de um olhar penetrante, mas desgastado, batia insistentemente a porta dos fundos do corredor da velhice exibindo adolescentes pelos grisalhos, o que acusava um certo conhecimento da própria existência, pois percorria trilhos posteriores o desfalecer da juventude. Tal, ostentava uma certa antipatia social, forjada nos seus atípicos distúrbios dos sentidos: visão nebulosa, olfato permutado e paladar identificável, porém, a audição e o tacto se mantiveram perfeitos. Na verdade, Alauka, era um coroa burguês com gostos e interesses diferenciados

das massas. Também demonstrava um certo desdém à minoria, não no seu todo, desprezava com maior rigor, principalmente, os moradores do musseque e os idosos. Certamente, preconceituoso! Como se não caminhasse a cada aniversário que fizesse para o mesmo labirinto de um dos subgrupos da minoria, cuja única saída válida seria a morte!

Já tendo noção dos próprios pecados e culpas, pôs-se a conduzir o seu luxuoso, Toyota. Buscava amenizar a penalização dos erros contínuos. De súbito, foi domado por uma sonolência quase incontrollável, apressadamente

decidiu contornar. Parou em frente ao mar, desceu do carro, de mãos vazias, pois a chave estivera envolvida na porta-notas no interior frontal do bolso esquerdo das calças. Em seguida, desatou os sapatos, no mesmo instante, desfez-se do relógio. Depois aproximou-se ao máximo da água, e sem medo das salgadas ondas calmas, aliviou-se na beira. Colocou os pés na água fria de modo a controlar o que ele chamaria de, delírio culposo. Por sorte, obteve meio sucesso!

Já em estado de alerta, notara a verossimilhança da maré-alta. Afastou-se um pouco da água, ficou em pé na

areia. Tão logo apercebeu-se que estava ali praticamente sozinho, quieto, sentindo a brisa. Nada de extraordinário acontecera (vulcão em erupção ou tremor de terra). Ainda assim, o dia seguia anormal, trazendo-lhe companhia indesejada: um robusto cão (preto), de raça popular (rafeiro), que farejava restos de comida. O cão passeava vezes sem conta na retaguarda de Alauka, obrigando-o revirar-se uma vez ou outra para afugentar o animal. A dupla companhia que na maioria das vezes sentia-se intocável, compreendeu espontaneamente que o cursor do tempo controla-se de modo autónomo. Em

seguida Alauka abalou-se com a imaginável realidade e, na imensidão de um delírio viu de longe uma menina idêntica a “Marta”, (sua filha).

Marta era uma miúda da elite, mas empática a gajos do musseque, por conta disso, as makas com o velho eram constantes.

— Marta, és tu? — Berrou ao passo que se aproximava.

A dois passos dela, notara que a menina não era a Marta, a mesma implorava-lhe por um pedaço de pão; uma garrafa d'água, um pouco de amor e compreensão. Isso

fez, ele se autojulgar “impotente, incoerente e pai fracassado”.

— Marta morreu na semana passada sem se reconciliar de mim, e eu, amava-a muito! — Admitiu.

Poucos minutos depois, o seu corpo negava a mover-se. Vivera a sensação de residir numa vasta plantação; porém, assente em terra fértil para cultivo de espinhos.

Passado já muito tempo, conseguiu mover-se. Novamente voltou a sentir os pés descalços tocando firmemente a areia do mar e entendeu que tivera um momento alucinante, talvez um encontro interior de si. Finalmente,

a alma encontrou o caminho de regresso ao corpo. Antes, engatava-se em nó, umas listradas, algumas estampadas, e tantas outras sem qualquer ilustração.

Após a meditação, Alauka foi invadido por memórias ainda frescas. Adiante... Os revirados gostos e querereres singulares vieram à tona como causas da sua ausência paternal.

— Afastei-me da Marta por orgulho (pensar e agir egoísta)! — Refletiu de braços cruzados colados ao peito.

— Acredito ter visto tudo da Marta, um tanto do belo/doce, um pouco do feio/amargo, e mais um

pouquinho da fusão, já ela, viu apenas a minha versão amarga — Acrescentou ao contemplar o seu rosto magro refletido na água.

Afastando-se definitivamente da beira-mar, fintou os atadores negros, vestiu o pulso, e aconchegou-se novamente no carro. Lá, maravilhou-se de lembranças da Marta. O momento servira de luz, o despertar de um enfermo em coma; igual erguer o guarda-sol meio a amadurecida chuva. Naquele encontro perfeito de si, fizera-lhe ser um ser renovável “melhorado”.

Daí, ganhou coragem para prosseguir... Subiu no carro, afrouxou propositadamente o cinto de segurança, e com os olhos revirados no banco pendura, lembrou-se que a Marta sempre estivera sentada ali. Após as sucessivas lembranças, reforçou o seu desejo de envelhecer definitivamente para posterior, numa vida pós-terrena tornar-se um pai aperfeiçoado.

Por fim, colocou as chaves na ignição e conduziu velozmente em direção ao cumprimento da sua curta agenda laboral... (A morte)!

BAJOSSE BACA

ⁱ Alauka, é uma palavra de origem Bakongo, na língua Kikongo quer dizer louco, maluco ou idiota. Diz-se geralmente, para referir-se a uma pessoa cujo comportamento representa índices de loucura. No entanto, Alauka, não é apenas um personagem, é também um gajo real precisando de tratamentos psíquicos. Segundo a psiquiatra Erika Mendonça, delírios são crenças exageradas, irrefutáveis em que, o enfermo tem a certeza de algo, mesmo sem nenhuma evidência real daquilo que crê. Já a alucinação é uma percepção de coisas que não estão lá, sejam elas imagens ou sons, mas que o paciente acredita com convicção de que são reais. Ora veja, se acrescentarmos o termo culposo em tudo isso, tendo noção de que, (culposo) é o termo jurídico, que se diz da ação ainda que possua culpa, foi realizada sem que o indivíduo conseguisse saber quais seriam as consequências ou o resultado de seu ato. Então, podemos concluir que, a crença irrefutável sobre toda irrealidade, em que o indivíduo aja e sua ação possua culpa sem que o mesmo tenha noção das consequências de suas ações, é visto como delírio culposo!

FIM!